

# Estudo Comparado sobre a Juventude Brasileira e Chinesa Dados preliminares do Brasil

## Relatório de Pesquisa





# **Estudo Comparado sobre a Juventude Brasileira e Chinesa Dados preliminares do Brasil**

**Relatório de Pesquisa**

## **Governo Federal**

### **Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República**

**Ministro** Wellington Moreira Franco



Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

#### **Presidente**

Marcelo Côrtes Neri

#### **Diretor de Desenvolvimento Institucional**

Luiz Cezar Loureiro de Azeredo

#### **Diretora de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais**

Luciana Acioly da Silva

#### **Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia**

Alexandre de Ávila Gomide

#### **Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas, Substituto**

Claudio Roberto Amitrano

#### **Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais**

Francisco de Assis Costa

#### **Diretora de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação, Regulação e Infraestrutura**

Fernanda De Negri

#### **Diretor de Estudos e Políticas Sociais**

Rafael Guerreiro Osório

#### **Chefe de Gabinete**

Sergei Suarez Dillon Soares

#### **Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação**

João Cláudio Garcia Rodrigues Lima

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

# **Estudo Comparado sobre a Juventude Brasileira e Chinesa**

## **Dados preliminares do Brasil**

**Relatório de Pesquisa**



**ipea**

Brasília, 2012

## **FICHA TÉCNICA**

### **Coordenação**

Eduardo Luiz Zen – Técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea

Tom Dwyer – Professor da UNICAMP

Wivian Weller – Professora da UnB

Ana Maria Nogales – Professora da UnB

Marília Spósito – Professora da USP

### **Equipe de Pesquisa – Ipea**

Lucélia de Moraes Braga Bassalo

Carla Coelho de Andrade

Thuany Aguiar Santos

Paulo César Martins Stumpf

Patrícia Gimeno

### **Colaboradores**

Arthur Soares de Albuquerque

Camila Antunes Madeira da Silva

Carolina Sarmanho

Catarina Malheiros da Silva

Cauan Braga

Cíntia Silva Soares

Daniel de Britto Damasco

Denise Giselle de Britto Damasco

Isabela Paranhos Pinto

Isis Frank Abreu

Jéssica do Nascimento Portela

João Pedro Campo

Laís Santillo Morais

Lia Josetti Fuenzalida

Marcelo Batalha

Mariana de Britto Damasco

Narciza Brito Damaceno

Paulo Andrade Mesquita Junior

Rafael Augusto Silva

Roberto Rego de Mendes

Sinara Pollon Zardo

Tamille Sales Dias

Wendell Silva Santana

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## SUMÁRIO

SINOPSE .....	7
INTRODUÇÃO .....	9
METODOLOGIA .....	11
BRASIL: DADOS PRELIMINARES.....	12
VISÃO DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A CHINA .....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21





## SINOPSE

Análise preliminar da pesquisa com resultados relevantes da juventude universitária brasileira. Estes se referem à escolaridade dos pais dos jovens universitários brasileiros, à satisfação com a graduação que o jovem brasileiro está cursando, à utilização do tempo de estudos fora da sala de aula e à visão dos jovens universitários brasileiros sobre a China.

**Palavras-chave:** juventude brasileira; juventude universitária; China.



## INTRODUÇÃO

Em julho de 2004, a Embaixada do Brasil em Pequim recebeu uma delegação composta por dois ex-presidentes da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) e o então vice-presidente da entidade. Os membros da delegação estavam em Pequim para participar do Congresso do International Institute of Sociology. A adida cultural, o primeiro-secretário e o Embaixador Ouro Preto representavam a Embaixada. Após três horas de conversa, as últimas palavras do Embaixador foram: “Todas as áreas científicas no Brasil precisam se ocupar com a China, inclusive a sociologia”. A pesquisa em tela se deve, em grande medida, às responsabilidades de desenvolvimento de políticas científicas e de internacionalização desenvolvidas pela SBS a partir desta reunião, e à visão da direção do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre as complexidades do processo de globalização em curso.

Todos os campos da ciência devem engajar-se na cooperação internacional, vista como uma base de entendimento intercultural. Missões são enviadas por governos e universidades a países estrangeiros para promover o entendimento e a cooperação entre os países. Tanto na academia como nos órgãos governamentais existe pouco conhecimento sobre a China e vice-versa. Em outras palavras, a cooperação internacional é um valor e uma necessidade. Foi com base nesta reflexão que se decidiram buscar possíveis interlocutores na China.

O China Youth e Children Research Center (CYCRC) foi um dos primeiros interlocutores com os quais se entrou em contato. O centro possui estrutura semelhante ao Ipea, mas se dedica exclusivamente aos estudos sobre infância e juventude. Funciona como uma espécie de *think tank* do governo chinês, responsabilizando-se, entre outros, pelo desenvolvimento de políticas públicas, realização de pesquisas em todo o território nacional bem como publicações entre as quais se destacam o *All China Youth Federation Social Survey* e o relatório anual *Report on the Development of Chinese Youth and Children*.

Com a abertura da China ao mundo ocidental, a sociologia chinesa passou a dar prioridade para o desenvolvimento de pesquisas colaborativas em duas áreas: sociologia da juventude e estratificação social. O CYCRC elaborou projetos de cooperação com mais que trinta países. O primeiro dos três pesquisadores brasileiros a voltar à China foi convidado para um evento em novembro de 2004 organizado pela CYCRC e pela Associação Internacional de Sociologia sobre *Asian Youth Issues*. Uma delegação do CYCRC fez uma visita ao Brasil no início de 2007 com o objetivo de conhecer o país, entrar em contato com pesquisadores e realizar uma primeira discussão sobre as possibilidades de desenvolvimento de um estudo comparativo com o Brasil. A delegação fez apresentações na UNICAMP e em Brasília (organizado por professores da UnB com a presença do Ipea) e encontrou pesquisadores brasileiros. Pesquisas comparativas realizadas pelo CYCRC e por investigadores russos inspiraram as primeiras discussões com os chineses. Em 2010, uma segunda delegação do CYCRC foi recebida na USP e no Ipea. Em setembro de 2011, uma terceira delegação do CYCRC foi recebida no Congresso da Associação Latina Americana de Sociologia (ALAS), na Universidade Federal de Pernambuco.

Ao longo dessas reuniões e de encontros em Pequim, foram delineados os instrumentos de pesquisa e pressupostos deste estudo amostral. Elaborou-se um questionário sobre valores, estilos de vida e projetos de jovens universitários brasileiros e chineses, e sobre as percepções dos estudantes brasileiros sobre a China e vice-versa.

A pesquisa realizada de forma comparativa com jovens entre 18 e 24 anos, aponta semelhanças e diferenças entre aqueles que se deparam com mudanças e desafios em relação ao futuro profissional. A pesquisa oferece ainda *insights* sobre as futuras elites formadas nas universidades. É a juventude de hoje que irá administrar eventuais conflitos entre as nações, e, de fato, este projeto de pesquisa parte do princípio de que o estudo comparativo pode contribuir para uma melhor compreensão das enormes diferenças existentes entre a China e o Brasil, ao mesmo tempo em que certas aspirações de desenvolvimento e de progresso são comuns. A publicação a ser elaborada ao final da análise dos dados tratará especificamente destas questões.

Ademais, o baixo grau de conhecimento contribui para a formação de estereótipos sobre as diferentes culturas tanto na China como no Brasil. Espera-se que esta pesquisa – voltada para a análise de semelhanças e diferenças, mas também de variações dentro dos países –, possa desempenhar um papel na orientação de políticas capazes de contribuir para o desenvolvimento de uma melhor compreensão do outro, redimindo estereótipos e conflitos decorrentes da falta de conhecimento que ainda persiste em ambos os países.

Neste relatório de pesquisa, foram selecionados alguns itens que configuravam resultados relevantes da juventude universitária brasileira para constituir a análise preliminar da pesquisa. Estes se referem à escolaridade dos pais dos jovens universitários brasileiros, à satisfação com a graduação que o jovem brasileiro está cursando, à utilização do tempo de estudos fora da sala de aula e à visão dos jovens universitários brasileiros sobre a China.

## METODOLOGIA

Os resultados apresentados neste relatório são relativos à pesquisa comparativa entre jovens universitários brasileiros e chineses, desenvolvida simultaneamente na China e no Brasil, mais especificamente, em Pequim, Xangai, Brasília e São Paulo – respectivamente, capitais e maiores polos industriais nos dois países.

A população alvo da pesquisa foram jovens universitários com idade até 24 anos completos. O limite de idade foi estabelecido para fins de comparabilidade dos resultados entre os dois países, já que na China o percentual de estudantes universitários com mais de 24 anos em nível de graduação é menor que no Brasil. Para que se tivesse acesso a esta população, foram escolhidas três instituições de ensino superior com características distintas em cada uma dessas cidades.

No Brasil, a pesquisa foi realizada em duas universidades públicas de renomado prestígio no Distrito Federal e no estado de São Paulo, e em quatro instituições de ensino superior privadas, localizadas nas duas regiões. A escolha de duas instituições públicas e quatro privadas justifica-se pela diversidade da formação do ensino superior no Brasil.

Os jovens universitários de cada país responderam a um questionário, em suas línguas maternas – português e chinês –, constituído de 66 questões. As questões foram organizadas em blocos de conteúdo e com questões fechadas (múltipla escolha, única escolha), abertas e de escala numérica.

### Amostra

Para o cálculo do tamanho da amostra, considerou-se a estimação de uma proporção, com erro amostral de 5%, nível de confiança de 95% e variabilidade máxima. O tamanho mínimo da amostra em cada instituição foi estabelecido em quatrocentos estudantes. Tendo em vista perdas e recusas, o tamanho da amostra foi acrescido em 20% em cada instituição de ensino.

Para a seleção da amostra, foi utilizado processo de amostragem aleatória estratificada com alocação proporcional dos estudantes por curso/área em cada instituição de ensino superior.

Em função da dinâmica de cada instituição e da disponibilização das informações, a seleção dos estudantes foi realizada de duas formas: 1) em dois estágios, considerando-se as turmas; e 2) em um único estágio, seleção aleatória a partir de relação nominal dos estudantes. No caso da amostragem em dois estágios, a seleção foi realizada com base nas seguintes informações: 1) o número de alunos por curso/área; e 2) as turmas específicas de cada curso/área. Em cada turma, foram selecionados aleatoriamente de sete a quinze estudantes, tendo em vista o número de alunos por turma em cada instituição de ensino. O número de turmas em cada curso/área foi estabelecido pela alocação proporcional do número de estudantes, respectivamente. Este processo de seleção foi aplicado em cinco instituições de ensino. No caso da seleção com base em relação nominal, os estudantes foram selecionados aleatoriamente dentro de cada estrato, formados segundo curso/área. Este processo foi aplicado em uma única instituição de ensino.

## BRASIL: DADOS PRELIMINARES

### Escolaridade dos pais

É crível imaginar que a relação entre o nível de escolaridade dos pais, especialmente da mãe, como variável no Brasil, para o acesso e a permanência na escola. Recentemente, as ações do governo federal voltadas para a expansão do número de vagas nas instituições públicas e os incentivos por meio de programas destinados a estudantes de instituições particulares têm provocado o aumento do número de jovens nesta modalidade de ensino. Ao mesmo tempo, a expansão do ensino superior e a adoção de ações afirmativas no campo da educação parecem haver introduzido maior diversidade no que diz respeito ao nível de escolaridade dos pais dos estudantes universitários desta pesquisa (tabela 1) e, provavelmente, maior diversidade em relação ao nível socioeconômico das respectivas famílias.

TABELA 1  
Nível de escolaridade do pai e da mãe  
(Em %)

Nível de escolaridade	Pai	Mãe
Não sabe ler nem escrever	0,3	0,3
Ensino fundamental incompleto	9,5	8,9
Ensino fundamental completo	6,0	4,6
Ensino médio incompleto	6,0	5,2
Ensino médio completo	26,9	28,4
Ensino superior incompleto	9,6	7,2
Ensino superior completo	26,8	29,3
Pós-graduação	12,3	15,4
NR/NS	2,6	0,7
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Ipea e SBS.

Analisando separadamente os dados referentes à escolaridade do pai e da mãe dos estudantes, vemos que o nível de escolaridade do pai, somando-se aqueles que possuem até o ensino fundamental completo, representa 15,8%. Aqueles com ensino médio incompleto ou completo representam 32,9% da amostra e os que possuem ensino superior incompleto ou completo representam 36,4%. Os que têm pós-graduação representam 12,3% no contexto universitário analisado.

Com relação ao nível de escolaridade da mãe dos estudantes universitários, verificou-se tendência semelhante aos dados oriundos de outras pesquisas sobre a escolarização e formação universitária de mulheres no Brasil. Observa-se que o número de mães com formação escolar até no máximo o ensino fundamental é de 13,8% – 2 pontos percentuais (p.p.) abaixo do sexo oposto. No outro extremo, caracterizado por mães que cursaram pós-graduação, o percentual é de 15,4% – 3,1 p.p. acima do sexo oposto.

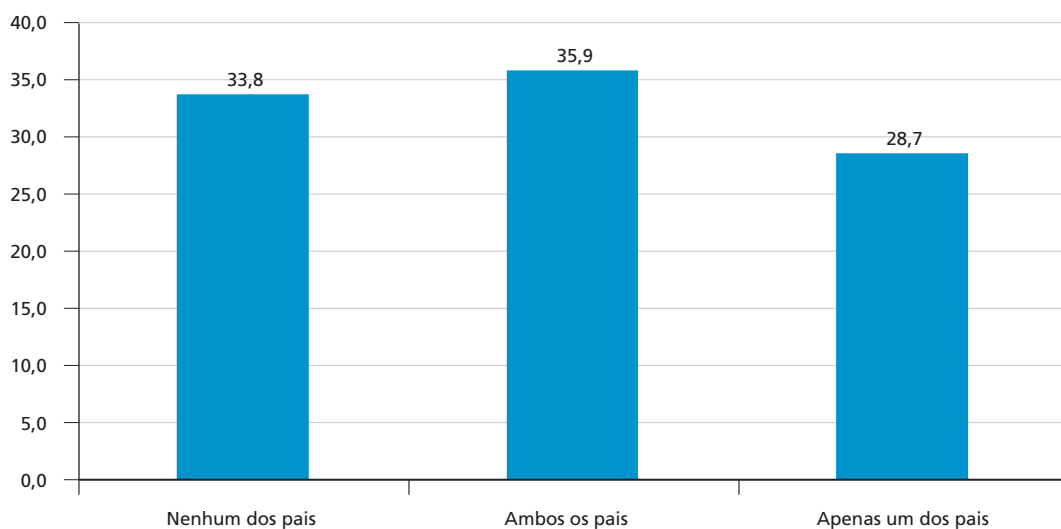
Identifica-se uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolaridade do pai e da mãe e o acesso do jovem ao ensino superior já que, aproximadamente, dois terços do total da amostra concentra-se entre aqueles, pai e mãe, que concluíram o ensino médio ou o ensino superior, e não se alcançam 10% daqueles com escolaridade até o ensino fundamental incompleto.

Nesse sentido os dados indicam desigualdade de oportunidades de acesso ao ensino superior, pois, considerando-se o Censo Demográfico de 2010, a maior faixa de concentração de pessoas da população brasileira com mais de 25 anos situa-se entre aquelas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto (49,3%), seguida das pessoas com ensino médio completo ou superior incompleto (24,6%) e com superior completo (11,3%).

Assim, pode-se afirmar que os jovens universitários, participantes desta pesquisa, são provenientes de famílias com maior escolaridade, enquanto os filhos daquelas com escolaridade mínima – até o ensino fundamental completo – estão presentes em menor número na universidade. Contudo, os dados também revelam um processo de ascensão social para cerca de 50% dos estudantes da amostra, já que ao entrarem no ensino superior alcançaram maior escolaridade que seus pais.

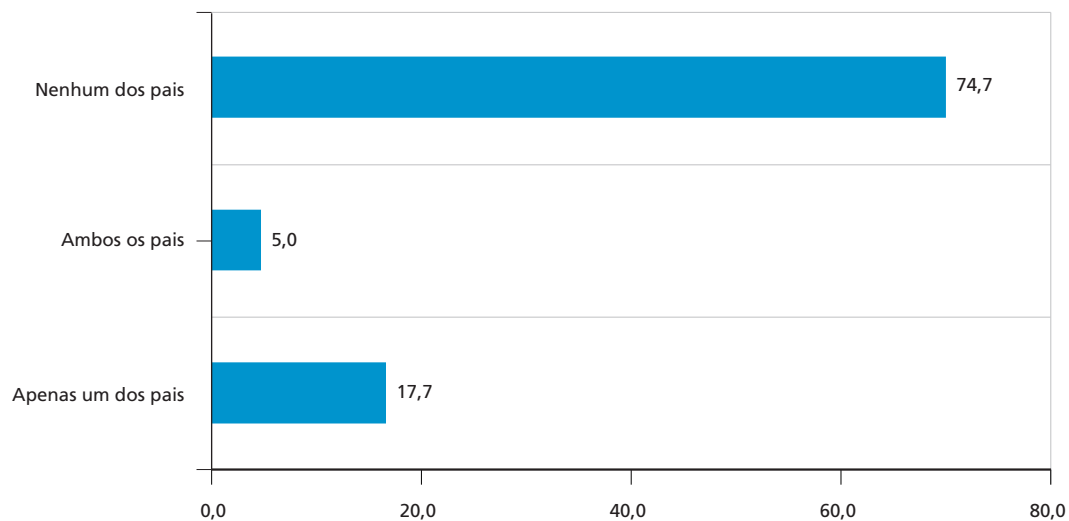
Ao se realizar o cruzamento de duas variáveis, com o objetivo de verificar o percentual de pais que chegaram ao ensino superior – tendo ou não concluído este nível de ensino ou que chegaram à pós-graduação –, em comparação com aqueles que chegaram até o ensino médio, tem-se a situação apontada nas figuras a seguir.

FIGURA 1  
**Pais que chegaram ao ensino superior**  
(Em %)



Fonte: Ipea e SBS.

FIGURA 2  
**Pais que chegaram à pós-graduação**  
(Em %)



Fonte: Ipea e SBS.

Como resultado da agregação dos dados, observa-se que 64,6% de pelo menos um dos pais dos estudantes chegaram ao ensino superior. Os valores percentuais mais elevados (35,9%) recaem sobre a proporção de ambos os pais que chegaram ao ensino superior. No que se refere à pós-graduação, a situação se inverte, pois a maioria dos estudantes informou que são filhos de pais que não atingiram este nível de escolaridade. Entretanto é relevante que pelo menos um dos pais (22,7%) tenha chegado a um curso de pós-graduação.

Analisando o nível de escolaridade dos pais – apesar das múltiplas características tais como pai com ensino médio e mãe com ensino superior, pai com ensino superior e mãe com ensino médio, mãe com ensino superior e pai com ensino fundamental, entre outras –, e considerando a diferença percentual (30,8%) entre ser filho de pelo menos um dos pais que chegaram ao ensino superior e ser filho daqueles que nunca foram à universidade, pode-se inferir que possuir, na geração antecedente, pai e/ou mãe com escolaridade acima da média nacional, favorece o acesso ao ensino superior.

O percentual de jovens brasileiros que estão na universidade, mesmo sendo filhos de pais que não alcançaram este nível de ensino, revela a importância que tem assumido a continuidade de estudos após a educação básica, por diferentes camadas da sociedade brasileira. Muito provavelmente, estes jovens são os primeiros em suas famílias a chegar à universidade, o que caracteriza claramente o processo de ascensão educacional desta geração com relação às gerações antecedentes.

### Satisfação com o curso de graduação

A forma de ingresso nas universidades brasileiras ainda se dá majoritariamente pelo vestibular, e a disputa por uma vaga nas instituições de ensino superior públicas – em cursos de alto prestígio – pode chegar a uma média de oitenta a cem candidatos por vaga (entre os cursos mais disputados encontram-se: Medicina, Direito e Relações Internacionais). Outros cursos de prestígio – por exemplo, da área de exatas – são menos disputados em função do grau de dificuldade associado a estes cursos, ao baixo desempenho de grande parte dos estudantes do ensino médio nas disciplinas de matemática, física e química, entre outras questões. Jovens decididos a ingressar em um curso de difícil acesso costumam frequentar concursos preparatórios para os vestibulares das melhores universidades brasileiras. Alguns estudantes só conseguem ingressar no curso pretendido após a terceira ou quarta tentativa, ou seja, um ou dois anos após o término do ensino médio. Outros optam por ingressar no curso desejado em uma universidade particular, já que o número de concorrentes costuma ser menor em função do valor das mensalidades cobradas, especialmente nos cursos de maior prestígio. A tabela 2 revela a satisfação dos estudantes com relação ao curso que fazem atualmente.

TABELA 2  
Primeira escolha na graduação e possibilidade de mudança de curso  
(Em %)

O curso atual corresponde à primeira escolha	Trocaria de curso			Total
	Sim	Não	NR/NS	
Sim	9,5	64,3	0,3	<b>74,1</b>
Não, já tentou e não conseguiu entrar em outro curso	5,3	8,7	0,0	<b>14,1</b>
Não, já cursou outro(s) curso(s) sem chegar a concluí-lo(s)	1,5	8,5	0,0	<b>10,0</b>
Não, já concluiu outro(s) curso(s) de graduação	0,2	1,2	0,0	<b>1,4</b>
NR/NS	0,0	0,2	0,2	<b>0,4</b>
<b>Total</b>	<b>16,7</b>	<b>82,8</b>	<b>0,5</b>	<b>100,0</b>

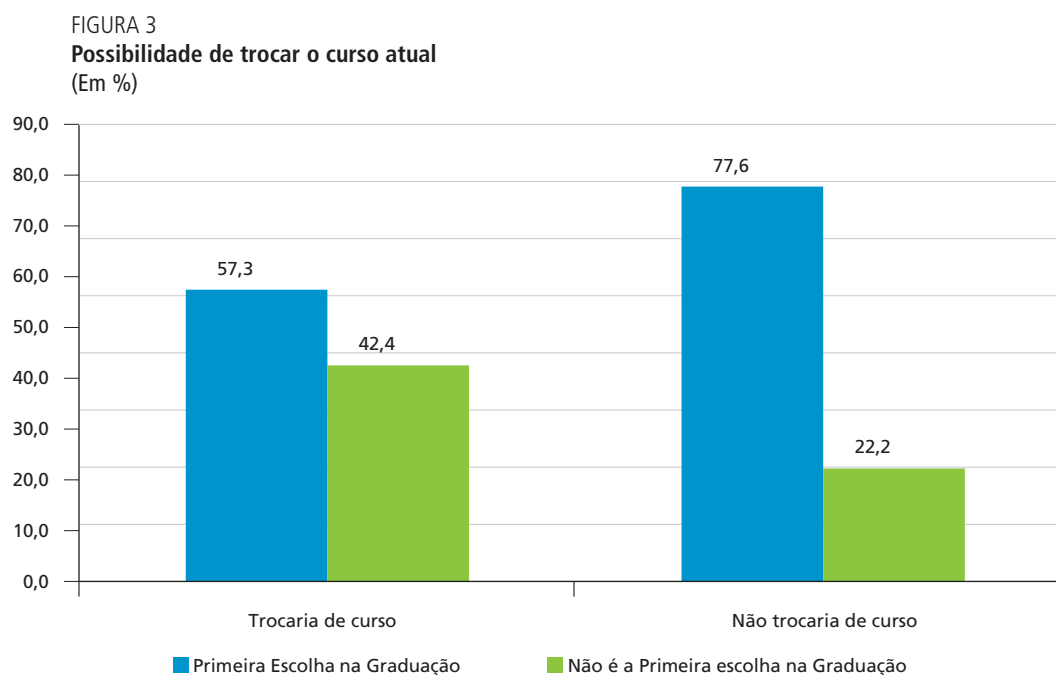
Fonte: Ipea e SBS.



Considerando-se as respostas do total da amostra à questão sobre estarem ou não em um curso de graduação relacionado à primeira escolha – ou seja, preparando-se para uma profissão que escolheram por diversos fatores como motivos vocacionais ou em função dos salários normalmente oferecidos nestas carreiras –, chama atenção o fato de 82,8% dos estudantes afirmarem que não trocariam de curso. Entre os 74,1% de estudantes que informaram que o curso atual foi sua primeira escolha ao ingressarem na universidade, 64,3% afirmaram estar tão satisfeitos que não trocariam de curso.

Entre aqueles que não obtiveram sucesso – ou seja, que acabaram optando por outro curso –, encontram-se 14,1% dos estudantes. Ademais, nos deparamos com 10% de estudantes que abandonaram o curso inicial e optaram por buscar uma nova formação. Somando-se estes dois grupos no conjunto das seis universidades que compõem a amostra brasileira, nos deparamos com 24,1% de estudantes universitários que apresentam uma trajetória não linear entre a conclusão do ensino médio e o ingresso no ensino superior. Estes jovens, em algum momento de sua formação (no ensino médio ou posteriormente), encontraram dificuldades que os impediram de ingressar no curso desejado ou passaram por momentos de revisão de seus projetos biográficos e profissionais que os levaram a mudar de curso. Neste grupo, encontramos ainda 8,7% de estudantes que tentaram ingressar em outra graduação sem sucesso e 8,5% de jovens que ingressaram em outro curso, mas não o concluíram.

Ao se considerarem apenas as respostas válidas em relação à possibilidade de mudança de curso e o fato de ser ou não a primeira opção na graduação, tem-se o seguinte perfil:



Fonte: Ipea e SBS.

Demonstra-se, na figura 3, que entre os estudantes que não trocariam de curso, 77,6% são aqueles que fazem um curso que foi sua primeira escolha para a entrada na universidade. No grupo dos jovens que trocaria de curso, 57,3% fazem um curso que foi sua primeira escolha e 42,4% não estão no curso que gostariam.

A análise dos dados indica que o número de estudantes satisfeitos com o curso que realizam é pelo menos cinco vezes maior do que aqueles que gostariam de estar construindo outros perfis profissionais. Além disso, no grupo que se sente insatisfeito com o curso atual, o indicador estar ou não no curso que era sua primeira opção à época do ingresso no ensino superior não é fator relevante.

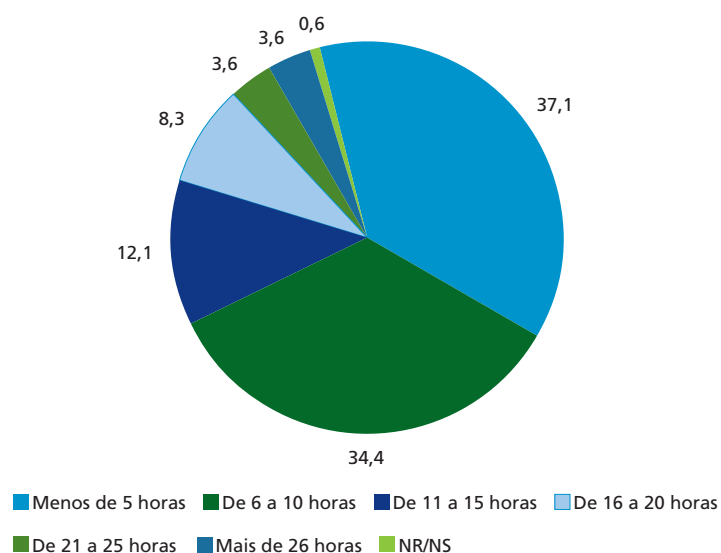
## Utilização do tempo

Atualmente há uma crescente visibilidade das formas de utilização do tempo pelos jovens. A análise do uso do tempo compreende estudos sobre culturas juvenis, formas de expressão e atuação, bem como atividades desenvolvidas por grupos juvenis relacionadas a lazer, saúde, cotidiano, aspectos de gênero, do trabalho, enfim, múltiplas possibilidades de abordagem em diversos campos, sobre como os jovens utilizam seu tempo.

Nessa investigação buscou-se compreender a utilização do tempo dos estudantes para a realização de estudos tanto na sala de aula quanto fora dela. A maioria dos jovens (68,1%) utiliza de 9 até no máximo 24 horas semanais para a realização de atividades previstas na grade curricular de seus respectivos cursos. Nos extremos, encontram-se estudantes que ocupam mais do que 33 horas semanais (6,1%) e aqueles que utilizam oito horas ou menos (4,2%) de seu tempo em sala de aula. Possivelmente, as diferenças se relacionam às matrizes curriculares, uma vez que a organização do ensino superior no Brasil supõe uma multiplicidade na oferta de cursos, tanto institucional quanto curricular.

Quando a atenção volta-se para o uso do tempo destinado à realização de estudos *fora* da sala de aula, temos outra configuração, como demonstrado a seguir.

FIGURA 4  
Tempo dedicado semanalmente ao estudo fora da sala de aula  
(Em %)



Fonte: Ipea e SBS.

A maior parte dos estudantes (71,5%) declara dedicar até 10 horas por semana a estudos fora da sala de aula e, neste grupo, 37,1% informaram que utilizam menos de 5 horas semanais para esta finalidade. No outro extremo, encontram-se 7,2% de estudantes que usam de 16 a mais de 26 horas semanais para estudar fora da sala de aula.

A reflexão do tempo gasto com estudos fora da sala de aula conduz a uma análise sobre a ocupação dos jovens universitários.

TABELA 3  
Jovens universitários brasileiros e ocupação  
(Em %)

Ocupação	%
Trabalho remunerado	52,0
Trabalho não remunerado	6,3
Não trabalha	27,1
Desempregado	13,3
NR/NS	1,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Ipea e SBS.

Na amostra da pesquisa detectou-se que 52% dos estudantes trabalham e estudam, enquanto 6,3% exercem algum tipo de trabalho não remunerado, 27,1% não trabalham e 13,3% estão desempregados. Quando a variável “ocupação” é relacionada com o tempo dedicado aos estudos fora da sala de aula, outras interpretações se delineiam, como se pode ver na tabela 4.

TABELA 4  
Ocupação e tempo destinado a estudos fora da sala de aula

Ocupação	Dedicação aos estudos fora de sala de aula						NR/NS	Total
	Até e 5 horas	De 6 a 10 horas	De 11 a 15 horas	De 16 a 20 horas	De 21 a 25 horas	Mais de 26 horas		
Trabalho remunerado	44,7	32,3	10,1	7,4	2,8	1,9	0,8	<b>100,0</b>
Trabalho não remunerado	21,4	35,9	15,9	11,0	4,1	11,0	0,7	<b>100,0</b>
Não trabalha	27,9	36,7	13,6	10,3	5,3	5,8	0,5	<b>100,0</b>
Desempregado	34,9	38,1	15,3	6,2	2,9	2,3	0,3	<b>100,0</b>
NR/NS	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	<b>100,0</b>

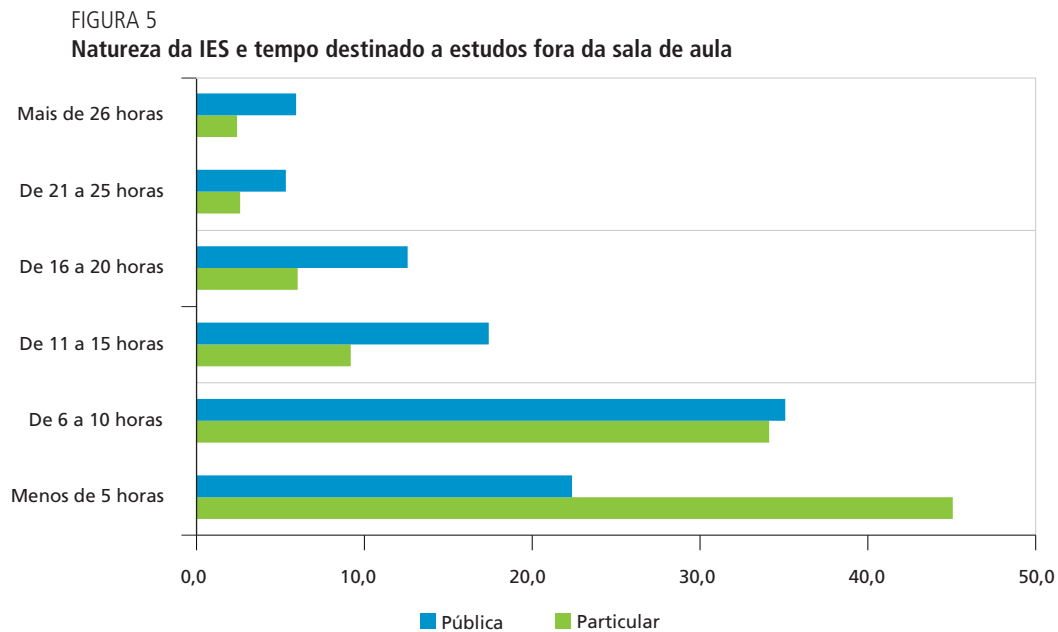
Fonte: Ipea e SBS.

Entre os estudantes que informaram exercer algum trabalho remunerado, a maior parte – um total de 44,7% – declarou destinar menos de 5 horas semanais para estudos complementares, como é esperado de quem trabalha e estuda. Todavia, os percentuais são significativos também nos outros grupos, já que 34,9% dos que estão procurando emprego utilizam esta mesma quantidade de horas como estudo complementar. Este percentual diminui para a metade quando se consideram os que exercem algum tipo de trabalho não remunerado e os que não trabalham.

Os valores relativos à utilização de 6 a 10 horas por semana não apresentam variação significativa entre os que trabalham e os que não trabalham, como se pode observar em aproximadamente um terço dos estudantes, em cada um dos grupos de ocupação.

O percentual mais baixo para quem utiliza mais de 26 horas por semana com estudos fora da sala de aula está entre os que trabalham (1,9%) e os que procuram uma ocupação remunerada (2,3%).

Na figura 5 pode-se observar o tempo destinado para estudos fora da sala de aula, de acordo com a natureza da instituição de ensino.

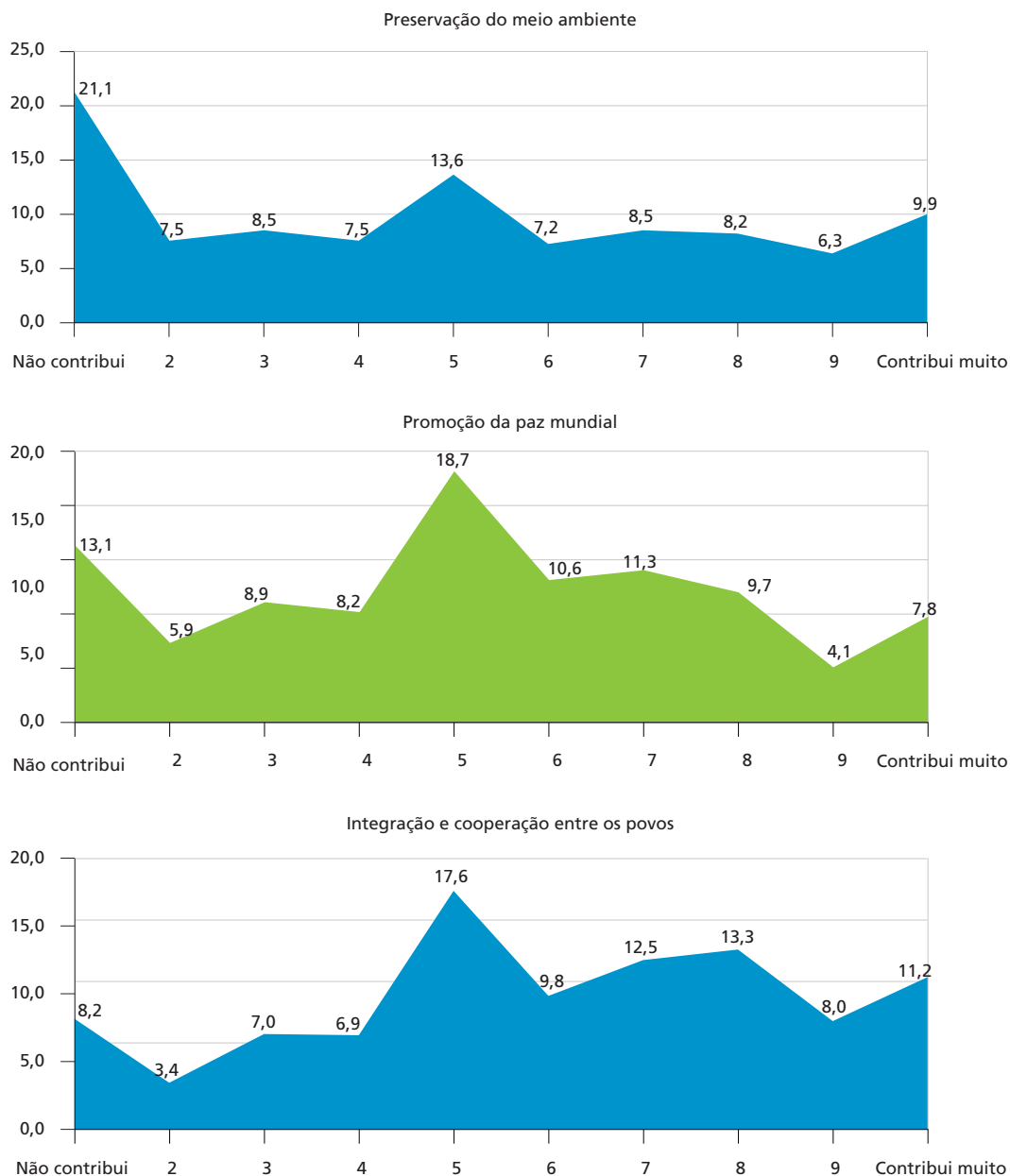


Pode-se observar que entre os estudantes, aqueles que pertencem a instituições públicas formam o maior grupo que declarou destinar mais horas semanais a estudos como complemento de sua formação. Os estudantes de instituições privadas são a maioria no grupo de universitários que informou destinar menos horas a estudos fora da sala de aula. Estas distinções praticamente desaparecem quando a faixa de tempo passa a ser de 6 a 10 horas semanais.

## VISÃO DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A CHINA

Delinear a visão que os jovens universitários brasileiros têm sobre a China oferece uma possibilidade de compreensão de como se vem construindo a aproximação entre os dois países. Solicitou-se aos estudantes que informassem sua opinião sobre a contribuição da China em alguns temas, a partir do crescente protagonismo deste país no cenário internacional. Foi apresentada uma escala de 1 a 10, na qual 1 significa que não contribui e 10 significa que contribui muito. Os resultados estão demonstrados a seguir na figura 6.

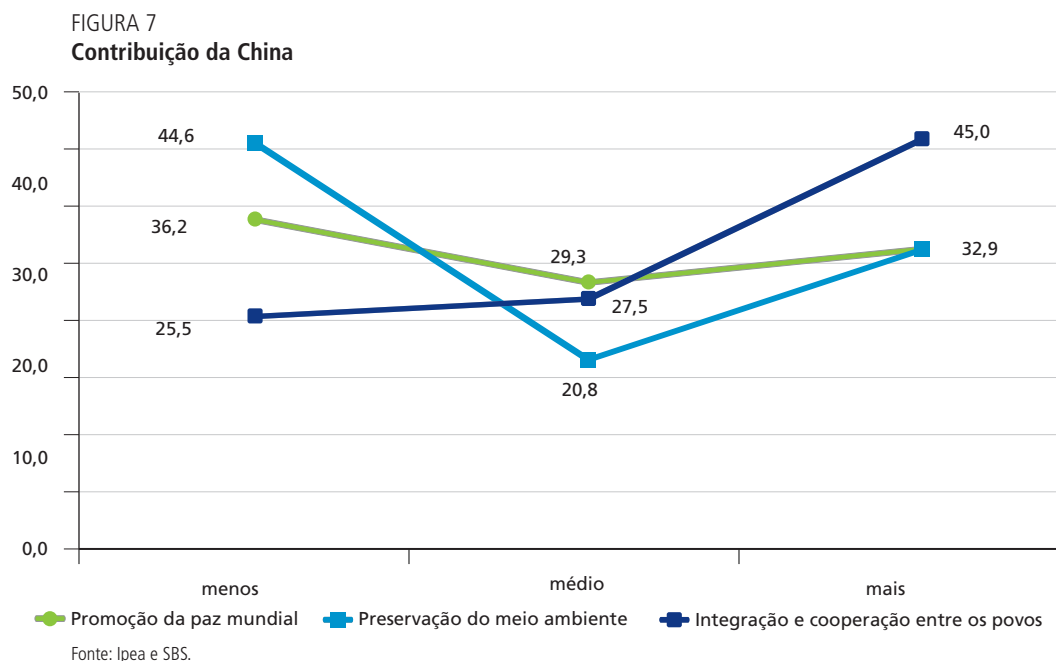
FIGURA 6  
Sobre o crescente protagonismo da China e sua contribuição



Fonte: Ipea e SBS.

No que se refere ao tema “preservação do meio ambiente”, a maioria dos universitários vê a China como um país que não contribui nesta área. No item “promoção da paz mundial”, a maior concentração de estudantes avalia que a China tem média contribuição. No item “integração e cooperação entre os povos”, a maior parte dos estudantes brasileiros concentra-se entre aqueles que consideram de média a alta a contribuição da China para promover e integrar os povos.

A figura 7 demonstra a visão dos estudantes com maior ou menor inclinação em considerar a China como um país que tem mais ou menos contribuição em cada um dos temas.

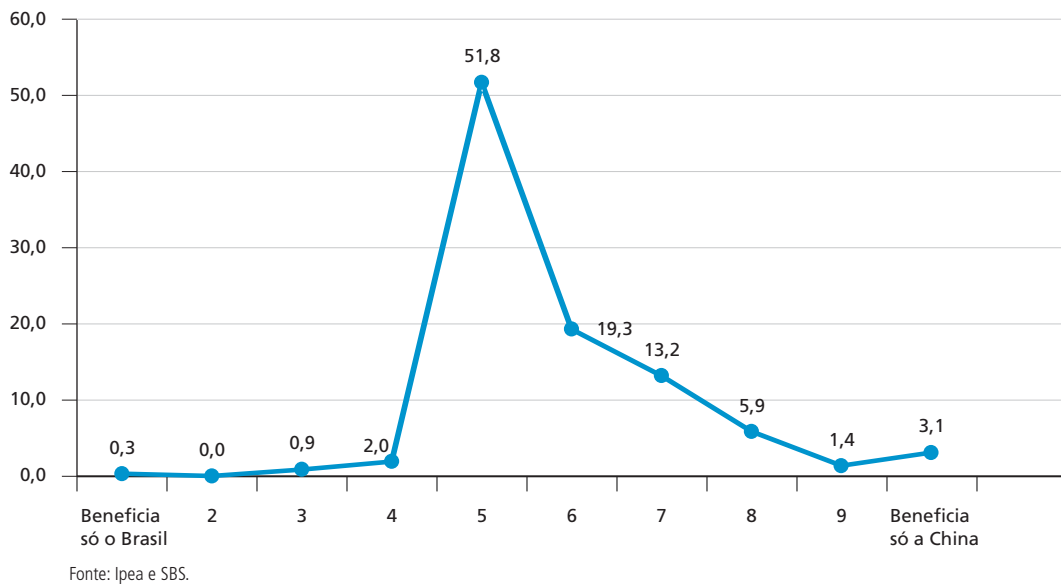


Pode-se perceber que a visão dos jovens universitários brasileiros sobre a China oscila entre uma visão mais negativa ou positiva de acordo com o tema em questão. Existe uma tendência a considerar mais positivamente a contribuição da China no tema “cooperação entre os povos”, representada por 45% dos estudantes. A tendência observada no item “preservação do meio ambiente” concentra-se na direção negativa, revelando que 44,6% dos participantes da pesquisa tendem a considerar que este país pouco contribui nesta área. Com relação ao item “promoção da paz mundial”, pode-se observar a distribuição da opinião dos jovens em percentuais praticamente iguais, indicando uma tendência a uma visão mais equilibrada sobre o papel da China.

Foi solicitado aos jovens universitários que se posicionassem a respeito das relações comerciais atuais entre o Brasil e a China. Para isto, foi informado que algumas pessoas avaliam que a concorrência dos produtos industrializados da China é prejudicial para a economia do Brasil, porém, também foi dito que a China é o principal mercado para as exportações brasileiras, especialmente de produtos agrícolas e minérios.

Utilizou-se a escala de 1 a 10 na qual 1 significa que as relações comerciais atuais entre os dois países beneficia só o Brasil e 10 significa que estas relações beneficiam só a China. A figura 8 demonstra suas interpretações.

FIGURA 8  
Benefício das relações comerciais atuais entre China e Brasil



No que se refere à intensificação das relações comerciais entre Brasil e China, 51,8% dos estudantes indicam uma compreensão de que as relações comerciais entre os dois países beneficia tanto um quanto o outro de modo igual. Entretanto, pode-se ver que há um grupo significativo de estudantes que tende a avaliar que, a concorrência dos produtos industrializados da China no mercado brasileiro é prejudicial para a economia do Brasil, beneficiando, em grande medida, somente o mercado econômico chinês.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Etapas importantes da pesquisa ainda serão conduzidas pela equipe. Além da análise completa dos dados brasileiros, será preciso preparar as informações para o desenvolvimento de análises em ótica comparada, uma vez que está previsto um encontro em Pequim em dezembro do corrente ano. Este intercâmbio possibilitará a consolidação dos dados e a definição dos principais eixos analíticos. A partir desta fase, terá início o processo de redação final da pesquisa e os produtos serão consolidados em dois livros, uma edição brasileira publicada pelo Ipea e outra em chinês sob a responsabilidade do China Youth and Children Research Center. Finalmente, os resultados gerais da pesquisa serão discutidos em seminário no Brasil, no segundo semestre de 2013, quando será lançado o livro. Além disso, serão publicados artigos científicos.

Os desafios presentes nesta investigação e sua relevância são cada vez mais evidentes. De um lado a emergência de um campo de estudos sobre juventude no Brasil é razoavelmente recente, mas já contempla uma produção expressiva, e aglutina equipes de pesquisadores em universidades ou organismos públicos e da sociedade civil.

No entanto, os estudos com feição comparativa, seja no interior da sociedade brasileira ou com outros países, são raros e praticamente inexistentes, sobretudo se considerarmos o grupo de países emergentes – os denominados BRICS.

As desigualdades sociais e a extrema diversidade da sociedade brasileira incidem sobre o perfil dos jovens e seu acesso ao sistema de ensino. No entanto, nos últimos anos, mudanças importantes ocorreram com a expansão das oportunidades de acesso ao ensino médio e mais recentemente ao ensino superior. Embora estas mudanças – particularmente em relação ao ensino superior – ainda sejam tímidas diante dos desafios sociais que hoje se apresentam, é inegável que elas criam um quadro mais complexo para definir quem são os jovens estudantes do ensino superior brasileiro hoje. A expansão das vagas em universidades públicas e as ações afirmativas favoreceram o acesso a setores tradicionalmente excluídos do sistema de ensino superior brasileiro. Mesmo assim, a oferta pública ainda não é dominante diante da iniciativa privada, e a desigualdade das instituições quanto aos parâmetros de sua qualidade não é desprezível. A diminuição das desigualdades sociais, observada nos últimos 10 anos, e as novas possibilidades de acesso à renda e ao consumo – ao lado da melhoria dos índices de emprego – certamente afetam o perfil do aluno jovem do curso superior atual, seus valores e suas expectativas.

O estudo dessas mudanças e o esforço de situá-las em uma dimensão comparativa ampliarão nossas possibilidades de compreensão desses processos ainda recentes. A parceria com a China oferece horizontes de intercâmbio importantes, tendo em vista que situações de mudança social acelerada, alterações no acesso ao sistema de ensino, desigualdades na oferta de vagas e nas instituições também são observadas. Aproximações, similaridades e singularidades da experiência juvenil universitária nesses países poderão ser apontadas e poderão abrir novos horizontes para o conhecimento mais denso de sociedades que têm apresentado um intenso dinamismo nos últimos anos, com tradições socioculturais muito distintas.





## **Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

### **EDITORIAL**

#### **Coordenação**

Cláudio Passos de Oliveira

#### **Supervisão**

Everson da Silva Moura

Marco Aurélio Dias Pires

#### **Revisão**

Andressa Vieira Bueno

Clícia Silveira Rodrigues

Idalina Barbara de Castro

Laeticia Jensen Eble

Leonardo Moreira de Souza

Luciana Dias

Olavo Mesquita de Carvalho

Reginaldo da Silva Domingos

Celma Tavares de Oliveira (estagiária)

Patrícia Firmina de Oliveira Figueiredo (estagiária)

#### **Editoração**

Aline Rodrigues Lima

Bernar Jose Vieira

Daniella Silva Nogueira

Danilo Leite de Macedo Tavares

Jeovah Herculano Szervinsk Junior

Leonardo Hideki Higa

#### **Capa**

Andrey Tomimatsu

#### **Livraria**

SBS – Quadra 1 – Bloco J – Ed. BNDES, Térreo

70076-900 – Brasília – DF

Tel.: (61) 3315 5336

Correio eletrônico: [livraria@ipea.gov.br](mailto:livraria@ipea.gov.br)



---

Composto em adobe garamond pro 11,5/13,8 (texto)  
Frutiger 67 bold condensed (títulos, gráficos e tabelas)  
Impresso em offset 90g/m<sup>2</sup>  
Cartão supremo 250g/m<sup>2</sup> (capa)  
Brasília-DF

---



## Missão do Ipea

Produzir, articular e disseminar conhecimento para aperfeiçoar as políticas públicas e contribuir para o planejamento do desenvolvimento brasileiro.

**ipea** Instituto de Pesquisa  
Econômica Aplicada

**SAE**

SECRETARIA DE  
ASSUNTOS ESTRATÉGICOS  
DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

G O V E R N O F E D E R A L  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA